



TRILHAS DE UM CONSERVATÓRIO: PORTAS ABERTAS AO ENSINO DE VIOLÃO

CONSERVATORY TRAILS: DOORS OPEN TO GUITAR TEACHING

José do Nascimento Queiroz Júnior 0000-0002-4443-8878  [3361392835845277](https://orcid.org/0000-0002-4443-8878) 
Mestre em Educação. Professor da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES),
Montes Claros-MG, Brasil.
E-mail: jukitaqueiroz@yahoo.com.br

Geisa Magela Veloso 0000-0002-7392-2749  [1077322100628342](https://orcid.org/0000-0002-7392-2749) 
Doutora em Educação. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da
Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), Montes Claros – MG, Brasil.
E-mail: geisa.veloso@unimontes.br

RESUMO

O artigo se inclui no campo da História da Educação e tem como objetivo discutir estratégias elaboradas para recrutamento e formação de professores de violão do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández (Celf), de Montes Claros - MG, desde a sua fundação em 1961 a 1986, ano em que a escola completou seu 25º aniversário. As informações foram obtidas por meio de fontes bibliográficas e documentais (acervos do Celf e particulares), associadas aos relatos de colaboradores, entrevistados, que participaram por meio da História Oral. Constatou-se diferentes formas de conquistar professores de violão para atuarem no Conservatório, desde a busca na própria comunidade montes-clarense e, na ausência neste lugar, recorria-se à capital mineira. As práticas pedagógicas no ensino de violão foram se alicerçando a partir de saberes práticos, vivenciados em sala de aula, devido ser um corpo docente sem formação pedagógica. Assim, foi-se construindo o curso de violão que completou, em 2022, 61 anos de história.

Palavras-chave: Conservatório de música. Ensino de violão. História da educação. Recrutamento e formação docente.

ABSTRACT

The article is included in the field of History of Education and aims to discuss strategies developed for recruitment and training of guitar teachers at the Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández de Montes Claros (Celf) - MG, since its founding in 1961 to 1986, the year in which the school celebrated its 25th anniversary. The information was obtained through bibliographic and documental sources (Celf and private collections), associated with the reports of collaborators, interviewed, who participated by means of Oral History. It was found that there were different ways to get guitar teachers to work at the Conservatory, since the search in the community of Montes-Clarenses and, in the absence of this place, they resorted to the capital of Minas Gerais. The pedagogical practices in guitar teaching were based on practical knowledge, experienced in the classroom, since the teaching staff had no pedagogical training. Thus, the guitar course that completed, in 2021, 60 years of history was built.

Keywords: Guitar teaching. History of education. Music Conservatory. Recruitment and teacher training.

INTRODUÇÃO

Nas décadas de 1950 e 1960, o Brasil encontrava-se em processo de grandes transformações. As ações do governo federal se direcionavam para projetos de desenvolvimento industrial do país e de crescimento econômico, por meio da abertura da economia, permitindo a entrada de capital estrangeiro para investimento no parque industrial (ROSA; OLIVEIRA; DAROS, 2020). Houve uma ampliação e diversificação no mundo do trabalho, proporcionando novos empregos, em função do crescimento industrial. Medidas como: “nacionalismo econômico, emancipação do País, ideologia desenvolvimentista, incremento da função econômica do Estado – indicavam que o Brasil tinha pressa em se modernizar” (PINTO, 2008, p.2).

No contexto cultural, especificamente na música, os sambas-canções entoados pelas possantes vozes de Orlando Silva, Francisco Alves, Vicente Celestino e outros, abre alas para um estilo destacado pela presença do violão. Era a Bossa Nova, com João Gilberto, sua voz e violão, trazendo uma rítmica inovadora, com acentuações diferentes se comparadas aos sambas do momento (VENTURA, 2007). Diante do novo patamar que o violão se encontrava, “na febre da Bossa Nova, as academias de violão se multiplicavam pela Zona Sul do Rio” (MOTA, 2001, p. 26).

No âmbito educacional, “destaca-se a expansão do ensino secundário com sua crescente dispersão entre as camadas sociais da base econômico-cultural às margens das elites pelo incremento quantitativo de escolas públicas e particulares e o aumento das matrículas” (ROSA; OLIVEIRA; DAROS, 2020, p. 74-75). Para Ribeiro (1992), essa expansão do ensino secundário aconteceu em função de reivindicação da sociedade civil e de um movimento migratório causado por um grande contingente do meio rural que se deslocou para a cidade (RIBEIRO, 1992).

Para assumir a docência no ensino secundário era necessária a titulação em nível superior. É importante mencionar que este era um impasse nesse ciclo, pois a possibilidade de cursar uma licenciatura no ensino superior era apenas nas escassas Faculdades de Filosofia, instaladas nas cidades mais desenvolvidas das regiões.



Sobre os impasses acerca do ensino secundário, acrescenta-se que o aumento das matrículas e o número reduzido de profissionais licenciados levou ao recrutamento de professores sem registro. Conseqüentemente, “o corpo docente do ensino secundário era basicamente constituído por profissionais liberais (advogados, farmacêuticos, médicos, engenheiros, padres e normalistas)” (PINTO, 2008, p.3).

Deslocando a abordagem para a cidade de Montes Claros, localizamos problemas semelhantes aos vivenciados no contexto brasileiro. Sendo polo da região, a cidade atraiu muitos moradores de diversos municípios do Norte de Minas, que vinham em busca de melhores condições de vida, pois o lugar possibilitava mais opções de trabalho e de formação educacional. Dessa forma, esse grande fluxo migratório torna-se um fator que produziu um crescimento local não planejado, trazendo para a cidade problemas estruturais significativos.

No ensino secundário, como todo país, o município não conseguia atender à demanda por esse ciclo, faltando professores e estabelecimentos; e o ensino superior chega tardiamente por aqui, sendo que somente em 1964 passaram a funcionar os primeiros cursos – Geografia, Letras, História e Pedagogia, vinculados à Fundação Luiz de Paula (PEREIRA, 2001).

Importante destacar que a população, até a década 1950, era predominantemente rural, tornando-se mais urbana na década de 1960, quando as possibilidades de crescimento surgem e acontecem, de fato, a partir da inclusão de Montes Claros na área de atuação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), que propiciou investimentos por meio de incentivos fiscais (PEREIRA, 2001).

Muitos povos se cruzaram pela cidade, os nordestinos, paulistas, os índios que já estavam, os negros, o que contribuiu para sermos, na opinião do antropólogo João Batista Almeida Costa (2020), a “síntese do Brasil”. Por essas múltiplas influências, na década de 1960, a vida cultural da cidade era muito intensa, com bandas tocando em cabarés, um enorme movimento de diversos grupos de *rock* e de teatro (JOÃO BATISTA ALMEIDA COSTA, entrevista em 2020).

Neste contexto de intensa movimentação cultural, em 1961, pelo Decreto nº 771, foi criado em Montes Claros um conservatório municipal de música, tendo como sua fundadora D. Marina Helena Lorenzo Fernández Silva (VIEIRA, 2021). Em 1962, esse conservatório foi

encampado pelo Estado de Minas Gerais, aproveitando a Lei estadual nº 1.239 de 1955¹, que autorizou a criação do conservatório de Montes Claros (PAULA, 1986).

Inicialmente, parte da população não acreditava no sucesso do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández, pois, consideravam Montes Claros como “cidade de bois” (MINAS GERAIS, 2002). Porém, nesse ano de 2022, essa escola especializada no ensino de música completou sessenta e um anos de existência, contribuindo para formação musical de crianças e adultos na cidade e região. Acreditamos que o Conservatório, desde a sua criação, tem uma participação no desenvolvimento das artes nesse município, a contar pela vasta exposição das produções que eram realizadas nesse estabelecimento e externadas à sociedade, desde a sua fundação, conforme constadas no memorial escrito por Paula (1986).

Na sua fundação, o Conservatório priorizou o ensino de piano, mas o violão também esteve presente, junto a outros instrumentos de sopro. Quanto ao piano, esse era o instrumento de formação acadêmica da sua fundadora e diretora D. Marina Lorenzo Fernández Silva, que trabalhava com aulas particulares em sua casa e formou diversas pianistas que tornaram-se professoras no Celf (VIEIRA, 2021). Sobre o violão, se trata de um instrumento que faz parte da cultura brasileira, sendo incorporado no contexto musical das diversas regiões do país. Um instrumento presente na cultura local, seja nos grupos de serestas, nas serenatas, nas festas e reuniões familiares, nos ternos de congado e de folia de reis. Por ser um instrumento de fácil locomoção, o violão se juntava a outros instrumentos e ao canto com certa facilidade.

Essa pesquisa tem como objeto o ensino de violão do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández, local onde esse pesquisador atua desde o mês de agosto de 1996, lecionando a disciplina violão. Essa proximidade com o objeto e as indagações que surgiram no decorrer do percurso na instituição produziram o interesse por esse tema, com foco nos processos de recrutamento e formação de professores deste instrumento.

Diante disso, foram levantadas questões analíticas para serem investigadas pela imersão no campo: Como se apresentava o contexto social, político, cultural e educacional de Montes Claros quando foi instalado o Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández? Quais

¹ A Lei estadual de nº 1.239 de 1955 autorizou a criação dos conservatórios de Conselheiro Lafaiete, Montes Claros, Ouro Fino, Divinópolis, Itaúna, Bom Despacho, Almenara e Alfenas (MINAS GERAIS, 1955). Destes conservatórios, apenas o de Montes Claros foi instalado e autorizado a funcionar como estadual em 20 de março de 1962, isso porque o Governo de estado, na época, reduziu os gastos com criação de novas escolas. Apenas a partir de 1961 essa autorização foi retomada (GONÇALVES, 1993).

estratégias e processos foram produzidos para se recrutar professores para o ensino do instrumento, diante da legislação vigente?

A pesquisa tem como objetivo discutir estratégias elaboradas para recrutamento e formação de professores de violão do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández (Celf), de Montes Claros - MG, desde a sua fundação em 1961 a 1986, ano em que a escola completou seu 25º aniversário. Esse estudo se inscreve na História da Educação, uma área que, “tem contribuído para que entendamos um pouco mais, juntamente com outras formas de explicação da realidade, o que o presente insistentemente nos coloca como problema” (LOPES; GALVÃO, 2001, p.16).

O recorte temporal se circunscreve pelo ano de 1961, quando foi fundado o Conservatório, findando em 1986, ano em que o estabelecimento completou 25 anos e que foi produzido um memorial discorrendo sobre a trajetória até aquele momento. Por investigar o ensino de um instrumento que há 61 anos está presente no âmbito do Celf, sendo uma das áreas mais demandadas por alunos, além de verificar-se uma carência de literatura a esse respeito, consideramos importante essa pesquisa.

O estudo permitiu-nos aprofundar na história do ensino de violão do Conservatório, compreender como foi estruturado, além de preencher lacunas no conhecimento, deixando um registro para futuros pesquisadores e apreciadores dessa área.

A metodologia traçada para esse estudo foi baseada na utilização de fontes bibliográficas e documentais, como do acervo do Celf, acervos particulares e Leis do Estado de Minas Gerais. Importante pontuarmos que, no percurso dessa pesquisa, o Brasil e todos os países do mundo enfrentam um período de pandemia causado pelo Coronavírus. Esse fato, implicou em medidas de contingenciamento da contaminação por esse vírus, o que impossibilitou uma investigação mais ampla à arquivos públicos e mesmo particulares sobre o objeto que está sendo investigado.

Recorremos, também, ao método da História Oral, em que entrevistamos, em Montes Claros e em outras cidades, por meio de videoconferência, colaboradores que contribuíram com relatos significativos para esclarecer os questionamentos levantados. Nas entrevistas, numericamente, prevaleceram professores que trabalharam no Conservatório no período em estudo. Para Freitas (2006), o método da História Oral tem sido utilizado em grande escala em pesquisa, por permitir reflexões a partir da voz dos protagonistas.



Na estruturação do texto, inicialmente foram feitas abordagens acerca da criação do Celf, inclinadas para a legislação vigente na época, além da ênfase na formação e contratação de professores do ensino de violão popular que, foi inserido logo na fundação desse estabelecimento musical. Enfim, dando continuidade, a discussão recorre sobre a segunda década de existência do Celf, com foco no ensino do violão clássico, que foi introduzido na escola, onde continuamos destacando a formação e contratação de professores nessa modalidade.

ENSINO DE VIOLÃO: ENSAIANDO OS PRIMEIROS PASSOS

O Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández (Celf), foi instalado em Montes Claros em 1961. Inicialmente, com a contribuição do município, que cedeu uma casa “feia e velha” na Rua Dr. Veloso, num espaço que não atendia à demanda das aulas e, com isso, grande maioria dos professores realizavam as aulas em suas residências (PAULA, 1986). No ano seguinte, 1962, o Celf foi estadualizado e é como se encontra na atualidade, com seus 61 anos.

Importante refletirmos sobre alguns aspectos da legislação vigente para o Celf, no período da sua fundação, tendo como referência o Decreto nº 3.870 de 1952, que regulamentou os conservatórios mineiros. Observamos que o violão não é mencionado no rol de cursos de instrumentos contidos nesse Decreto, que versa no seu Art. 2º, § 5º, sobre as cadeiras de instrumentos que irão abranger os conservatórios, sendo estes: flauta, clarinete, violino, viola, violoncelo, piano, piston e trombone.

Percebemos que esses estabelecimentos foram se adequando à legislação conforme as suas especificidades, considerando o contexto cultural das cidades. Assim, vale considerar que, os conservatórios mineiros quando fundados, iniciaram as atividades a partir dos professores disponíveis para assumir as aulas, em cada localidade (GONÇALVES, 1993), mesmo sem habilitação. Dessa forma, ainda que houvesse um decreto especificando alguns cursos, os conservatórios não conseguiram ofertar todos, pela ausência de profissionais.

A partir dessa breve exposição sobre o contexto legislativo pelo qual o Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández estava sendo regulado, foi criado o curso de violão.

A depender do modo como o instrumento é executado, há duas modalidades de violão, o popular e o clássico (erudito ou solo). Sendo assim, para melhor compreensão dos sentidos



atribuídos a esses termos, entenda-se como violão popular aquele utilizado nas manifestações da cultura popular ou na música popular urbana, que se encontra acompanhando o canto ou qualquer instrumento solista, como exemplo a flauta num grupo de choro.

No estilo violão clássico, denominado por alguns pesquisadores e instrumentistas por violão erudito, violão solo, ou ainda violão de concerto, não é utilizado o canto ou qualquer outro instrumento junto ao violão. Nesse, o violonista executa sozinho o acompanhamento e a melodia, simultaneamente. O repertório executado é escrito especificamente para o violão como instrumento solista.

O violão clássico está associado ao estudo do instrumento por meio da partitura ou pauta musical, diferenciando do violão popular, no qual a ênfase está no aprendizado de acordes (posições no braço do violão) – predominando a utilização de diagramas representando o braço do violão e a marcação das cordas a serem pressionadas, dentre outras simbologias –; além de ritmos padrões diversos (“levadas” ou ainda, “batidas”). O repertório é constituído a partir da música midiática registrada em discos e veiculadas em rádios e outros canais, que são impressas ou escritas. Importante apontar a relevância da transmissão oral no processo de ensino nessa modalidade, principalmente, por ser uma escrita mais holística, principalmente, acerca dos ritmos padrões.

Chamou-nos a atenção o Celf ofertar o curso de violão popular logo na sua fundação, partindo do pressuposto que, no percurso histórico desses estabelecimentos, tipicamente, prevaleceu o ensino da música erudita, formando concertistas. O ensino de violão clássico (erudito) foi acontecer após quatorze anos de sua existência. De acordo com Raquel Tupynambá de Ulhôa (1998), depois de analisar apresentações, currículos e cursos oferecidos por esta escola, na primeira década de fundação, de fato, o “fazer musical” era predominantemente erudito, baseado nos clássicos dos séculos XVIII e XIX. Reafirmamos, ainda, com Suzigan (2006, p. 35), que “O ponto nodal dos Conservatórios era o trabalho com a música erudita. A música popular era proibida de ser tocada ou ensinada [...]”.

Por outro lado, importante considerarmos Zanon (s/d), quando afirma que, nas décadas de 1960 e 1970, com a Bossa Nova sendo difundida no cenário nacional, o ensino de violão popular cresce consideravelmente. Certamente, isto se deve ao violão inovador executado por João Gilberto, com uma “batida” e um jeito peculiar de cantar, que desperta a atenção de violonistas e outros instrumentistas nessa época.

Em Montes Claros, o professor Valmyr de Oliveira aprofunda nessa discussão, tecendo críticas ao formato dos cursos do conservatório no Brasil, que privilegiava um fazer musical estranho aos valores culturais do povo brasileiro:

Inclusive esse nome conservatório, existe uma crítica no meio acadêmico, poxa, será que vai continuar esse nome de conservar? Conservar quem? Uma arte que não é nossa. Conservar uma cultura que é a europeia. Não existe uma proposta de mudança...então muda de conservatório para renovatório. Essas estruturas prevalecem principalmente no meio acadêmico e nos conservatórios (VALMYR DE OLIVEIRA, entrevista em 2020).

Dessa forma, consideramos o Celf, uma escola peculiar, se comparada as demais de mesma conjuntura. Nesse contexto, acrescentamos ainda o fato de uma professora ser a precursora do ensino de violão, algo não muito convencional para época, que tinha esse instrumento vinculado à marginalidade. Resta-nos acreditar que a ideologia e o espírito transgressor da diretora e fundadora do Conservatório D. Marina Lorenzo e o próprio contexto cultural do município favoreceram para que a arte superasse as adversidades. Mesmo, Montes Claros, sendo considerada pelos pecuaristas como “terra de bois” – dada a base agropecuária da economia da cidade naquele período –, o Celf encontrou terreno fértil para que o piano, o violão e demais instrumentos começassem a se expandir e a transformar a esfera musical de Montes Claros e região.

O ensino de violão inicia-se na modalidade de curso livre e, de acordo com a professora e ex-diretora da instituição, Raquel Tupynambá de Ulhôa (1998), esses cursos tinham sua especificidade. “Ao contrário do curso regular gratuito, com um programa pré-estabelecido, esses cursos eram pagos a parte, ficando opcional aos seus alunos a frequência nas disciplinas obrigatórias do currículo oficial da escola [...]” (ULHÔA, 1998, p.63). Ainda sobre a modalidade curso livre, Valmyr de Oliveira (Entrevista em 2020), que chegou a ser aluno do curso de violão do Celf nesse modelo, menciona que, foi uma ideia já existente no Conservatório Brasileiro de Música (CBM), utilizada por Lorenzo Fernández, no Rio de Janeiro, que foi importada por sua filha para Montes Claros. O professor Valmyr relata que, do dinheiro pago pelo aluno, por volta de 70% era destinado ao professor e o restante era para ajudar a escola arcar com suas despesas fixas.

Em conformidade com Clarice Sarmiento (Entrevista em 2020), o curso de violão principia tendo uma boa aceitação, pois havia um público muito interessado em aprender o

instrumento, principalmente, para fazer serenatas, uma prática muito comum na época.

O CELF NO ENCALÇO DE PROFESSORES DE VIOLÃO – DÉCADA DE 1960

No âmbito do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández, buscamos entender como se deu o processo de preenchimento dos cargos do Curso de Violão e a formação de professores de violão dessa escola, desde a sua fundação em 1961 até o início da década de 1986.

Por estratégias não convencionais, D. Marina trabalhou para manter os cursos do Conservatório em funcionamento. De um lado, a diretora utiliza sua grande influência pessoal para localizar pessoas potencialmente interessantes ao trabalho, recrutando-as, convencendo-as e as inserindo na docência em música. Para consolidação destes sujeitos como professores, D. Marina dava suporte, apoiava e estimulava. Posteriormente, instava-os a buscar outros cursos para ampliar conhecimentos, melhorar a qualidade do seu trabalho e, também, obter registro formal para atuarem como professores (VIEIRA, 2021).

Desde a fundação do Conservatório, eram peculiares os procedimentos de D. Marina Lorenzo Fernández para contratar professores para o curso de violão do Conservatório.

Na primeira década de existência do Celf, 1960, foram convidados para ministrar aulas na modalidade de violão popular, na condição de interinos (contratados), a professora Geny Rosa e o professor Geraldo Paulista, conhecido no Conservatório por Seu Gêra. Os dois professores precursores do ensino de violão do Conservatório foram autodidatas. Nenhum dos dois professores era habilitado à docência e não atendiam aos pré-requisitos para o Exame de Suficiência, mencionado no Decreto nº 3.870 de 1952, pois tinham vivência com o violão para acompanhamento.

Segundo Clarice Sarmiento “A turma de Geny Rosa era música popular” (CLARICE SARMENTO, entrevista 2020) e o professor Geraldo Paulista que, embora tivesse conhecimento de teoria e partitura por fazer parte da banda Orquestra Metálica do 10º Batalhão de Infantaria, também ministrava o violão popular e, ainda assim não atendia aos requisitos legais para obter o registro para a docência. Apenas na década de 1970, Seu Gera, iniciou seus estudos de violão solo, concluindo o Curso Técnico em Violão Clássico no Celf em 1982 (ACERVO Celf, 2020).



“Geraldo Paulista começou a tocar violão e cavaquinho aos 8 anos de idade, na década de 40, olhando e imitando os seresteiros do Alto São João, bairro de Montes Claros” (TUPYNAMBÁ, 1998, p. 68). Geny Rosa também era autodidata, tocava violão, acordeom, cavaquinho e banjo, segundo Alvarez (Entrevista em 2021). Nessa modalidade, é muito comum o autodidata tocar o “violão de ouvido”. Segundo Penna (2012, p.57), essa “é uma forma popular de aprendizagem prática da música, característico de pessoas que aprenderam por conta própria, observando os outros tocarem”.

O ingresso de Geny Rosa e Geraldo Paulista no Conservatório para ministrar aulas de violão sucedeu-se a convite de D. Marina Helena Lorenzo Fernandez. Não tendo o título para lecionar o instrumento, os dois iniciaram o percurso como professores interinos. Essa escolha foi mediante a repercussão desses profissionais no cenário musical da cidade. Geny Rosa, por sua visibilidade com o seu “regional”, que permitiu à violonista certo destaque com o grupo que se apresentava em festas nas casas de famílias de boas condições financeiras, além das aulas particulares que ministrava. Soma-se a esses motivos, o fato de que o Conservatório nos seus primeiros anos esteve propenso a manter um corpo docente de mulheres (VALMYR DE OLIVEIRA, entrevista em 2020). Quanto ao professor Geraldo Paulista, sua experiência musical se construiu a partir de sua presença na Orquestra Metálica do 10º Batalhão; além de tocar a noite nos cassinos da cidade e integrar ao Trio Nanan, tocando pelos municípios do Norte de Minas (TURMA FOLCLORE II, 1997).

A professora Geny Rosa, quando faleceu em 1972, não chegou a ter uma formação escolar no violão, além do seu aprendizado autodidata, e encerrou seu percurso no Conservatório como professora interina (VALMYR DE OLIVEIRA, entrevista em 2020). Já o professor Geraldo Paulista concluiu o Curso Técnico de Violão Clássico em 1982, mas nunca lecionou nessa modalidade e se efetivou em 1981 no cargo de Educação Artística, por meio da Lei nº7.737, de junho de 1980, ensinando o violão popular (ACERVO Celf, 2020).

Concluindo esta breve apresentação sobre o ensino de violão na década de 1960 no Celf, constatamos a presença de Geny Rosa e Geraldo Paulista no curso livre que, lecionaram a convite da diretora D. Marina e os mesmos não tinham formação pedagógica, formação escolar em violão, nem habilitação. Percebemos, ainda, que os professores supracitados ensinaram a partir de uma vivência que tiveram fora do âmbito escolar, pois eram autodidatas, e trabalharam inicialmente com aulas particulares. Apontamos, ainda, que não havia possibilidades para

formação de professores de violão na região, para que esses conseguissem registro para docência.

O CURSO DE VIOLÃO POPULAR E O VIOLÃO ERUDITO ENTOANDO NA POEIRA DO SERTÃO MINEIRO

No início da década de 1970, ocorre uma ampliação do quadro de professores de violão popular no Celf. Geny Rosa, internada em São Paulo por conta de um câncer, que à levou a óbito, encaminhou uma carta para sua aluna no Conservatório, Fely Lucrécio, pedindo-a que assumisse os seus alunos. Na oportunidade D. Marina Lorenzo Fernández acatou o pedido de Geny e nesse mesmo ano, 1972, a professor Fely Lucrécio é contratada pelo Conservatório (FELY LUCRÉCIO, entrevista, 2021).

Em 1975, foi a vez de Juventino Dário de Oliveira (Tino Gomes) assumir a docência no Celf, após a sua vinda de São Paulo para Montes Claros, depois de ter deixado o Grupo Raízes. “Quem me levou de volta pra música foi Tia Marina. Com o jeitinho dela, “vem aqui dá umas aulas pros meninos”, e eu fui e quando eu vi tinha seis anos que eu estava lá (TINO GOMES, entrevista, 2020). De acordo com Acervo Celf (2020), Tino lecionou violão no curso livre para as séries de 5^a à 8^a, em 1975.

Em meados de 1970, é contratada pelo Conservatório a professora Maria Elizabeth Nobre Veloso (Beth Nobre). Segundo essa professora, quando foi convidada por D. Marina Helena Lorenzo Fernández para assumir a docência no Conservatório, ela já trabalhava com aulas particulares em Montes Claros, em sua residência e mantinha um bom número de alunos, que foram transferidos para o novo espaço (BETH NOBRE, entrevista 2021).

Para contratação de Valmyr e Tião, no final da década de 1970, é utilizada estratégia semelhante, desta vez, a partir de uma sondagem dentro do próprio estabelecimento, buscando alunos que demonstravam condições técnicas. Nesta seleção, as questões legais relativas à formação didático-pedagógica não se constituíam como um aspecto central. Essa formação ficava para uma etapa posterior à inserção profissional docente destes sujeitos, em que a própria D. Marina apoiava os professores, promovia intercâmbios, trazia para Montes Claros professores do Rio de Janeiro ou Belo Horizonte para participarem de concertos, concursos, aulas. “Dona Marina tinha essa grande virtude, que era de empurrar pra cima e pra frente” (TIÃO ANDRADE, entrevista em 2020).

Enquanto cursavam o violão clássico, Tião e Valmyr foram convidados para lecionar no curso de violão popular. O professor Tião Andrade começou ministrar aulas de violão popular no Curso de Educação Artística², em 1977:

[...] o sistema de admissão no Conservatório nessa época, era o famoso QI, Quem Indica. Então, Dona Marina consultava os professores se tinha algum aluno que tinha alguma condição e que estava se destacando [...]. Então foi Dona Ceci Tupinambá que me indicou. Dona Marina me chamou na sala dela [...], perguntou se eu aceitava, aí eu adoeci de medo (TIÃO ANDRADE, entrevista em 2020).

Valmyr de Oliveira ingressou no Conservatório lecionando no curso livre de violão, por volta de 1978, como explicitado anteriormente, a partir de um convite da diretora, D. Marina, que lhe “abriu esse espaço” (VALMYR DE OLIVEIRA, entrevista em 2020). Segundo Valmyr, nessa época, era descontado do salário do professor um percentual para o Celf, ainda era cobrado dos alunos um valor pelas aulas. Essa prática, foi importada do CBM, escola que foi criada pelo pai de D. Marina Lorenzo Fernández, no Rio de Janeiro.

Valmyr de Oliveira recorda de quando começou a substituir professores e conseguir contagem de tempo, que lhe permitiu assumir as aulas, de fato, como professor do Conservatório:

A primeira pessoa que eu substituí foi o Tino. Ele pediu licença porque tinha que ir pra Belo Horizonte. Depois eu peguei uma substituição de Bete Nobre, foi a licença de gestação dela e foi nessa de substituição que eu fui conseguindo contagem de tempo, que era uma das prerrogativas que você tinha, pois não existia uma titulação, nós não tínhamos uma formação e precisava ter um diploma pra poder dar aula. Então, era orientado pelos próprios colegas, “você já tem idade, você já pode “colocar papel”³, arruma sua documentação pra você dar aula no Conservatório”, e colocávamos. Como tinha a seleção de alunos, e atingia um número de alunos, e não tinha professor, a gente era contratado. O contrato valia por um ano, todo ano, como você não era contratado, tinha que colocar papel e esperar a sua convocação. Depois

² Em 1971, a disciplina Canto Orfeônico é substituída pela atividade Educação Artística no ensino de 1º e 2º grau, por meio da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) nº 5.692 de 1971. Com isso, o Celf passou a ofertar o curso de Educação Artística para formar professores para atuarem nessa matéria. Dentre as disciplinas desse curso havia o violão popular.

³ “Colocar papel” era o termo utilizado quando pessoas interessadas em dar aula na educação básica em cargos designados, mas não tinham a habilitação para lecionar na disciplina que desejavam ou não concluíram o curso superior que estavam matriculados, solicitavam a emissão do Certificado de Avaliação de Título (CAT). Esse “colocar papel” se constituía como uma forma de inscrição para concorrer aos cargos vagos, pela apresentação de documentos comprobatórios da formação e experiência profissional do interessado, que também servia para os titulados, mas que não eram efetivos por concurso e concorriam aos cargos vagos como professores substitutos.

aprendemos a colocar papel pra dois cargos (ENTREVISTA VALMYR DE OLIVEIRA, 2020).

Nesses anos iniciais as aulas no Celf eram de violão popular. O violão erudito parecia integrar as expectativas e projetos de D. Marina Lorenzo Fernández. Acreditamos que o seu interesse pelo ensino de violão clássico no Celf está ligado ao fato da música erudita ter estado presente em seu entorno. Porém, acreditamos que, possivelmente, por falta de professor capacitado para tal, essa oferta não ocorreu com a fundação do Conservatório. Assim, na primeira oportunidade que teve, conhecendo um violonista clássico em Montes Claros, D. Marina não perdeu o ensejo de convidá-lo para fazer parte do corpo docente do curso de violão. Isso veio acontecer apenas em 1975, quando o Celf se encontrava na sua terceira sede, localizada no antigo Clube Montes Claros, na rua Dr. Veloso.

O curso de violão clássico, de nível técnico, inicia-se com o professor Mauro Necésio⁴, em 1975, fundamentado na Lei nº5.692 de 1971 (ACERVO CELF, 2020). Identificamos que o perfil desse profissional condiz com profissionais liberais não habilitados que atuavam na docência, nessa época. O professor Necésio era médico, formado pela Faculdade de Medicina (Famed) em Montes Claros e não tocava violão profissionalmente. Em seus relacionamentos sociais era convidado para reuniões, como na casa de Dr. João Valle Maurício, renomado médico e incentivador da cultura na cidade, onde tocava músicas do repertório erudito para as pessoas presentes (ELISETE MENDES, entrevista em 2021). Ainda segundo a sua esposa, Elisete Mendes (2021), foi num desses encontros, que o professor conheceu D. Marina, que o convidou para ensinar violão clássico no Celf.

Como trabalhava com a medicina durante a semana, as aulas de Mauro Necésio aconteciam aos sábados, para uma única turma, coletivamente. Fizeram parte da primeira turma do professor Mauro Necésio, Tião Andrade⁵ e Valmyr de Oliveira⁶, que já estudavam no Conservatório na ocasião e mudaram de curso.

⁴ Mauro Necésio Pereira Cunha nasceu em 24 de maio de 1944, na cidade de Jequitinhonha – MG. Estudou violão em Belo Horizonte, enquanto cursava o ensino regular, com um professor que tinha deficiência física, por isso, o ensinava da cama do seu quarto. O professor Mauro Necésio faleceu em Montes Claros no dia 18 de março de 1994 (ENTREVISTA MENDES, 2021)

⁵ Sebastião Afonso de Andrade Ruas nasceu em 07/12/1951, em Santa Rosa de Lima, distrito de Montes Claros-MG e ingressou no Celf estudando piano com a professora Regina Coelho. Por influência de Valmyr Oliveira, mudou para o curso de violão clássico, quando esse estava formando a primeira turma. Nesse ano, 2022, Tião aposentou-se do Conservatório.

⁶ Valmir Antônio de Oliveira nasceu em 09/01/1960 em Buenópolis-MG, mas foi em Montes Claros que ele construiu a sua carreira docente. Com Geny Rosa, em 1972, aprendeu seus primeiros

Em 1980, novamente, utilizando de estratégia semelhante, D. Marina produz a mudança do professor Tião Andrade, do violão popular para o curso de violão clássico. Quando o professor Mauro Necésio deixou o Conservatório para trabalhar com a medicina em outra cidade, ele orientou a diretora D. Marina, que os professores Tião e Valmyr assumissem os seus alunos de violão clássico (VALMYR DE OLIVEIRA, entrevista, 2020). Porém, nesse momento, apenas o professor Tião Andrade assumiu as aulas.

REFLEXOS DA FALTA DE CURSOS DE FORMAÇÃO VIOLONÍSTICA EM MONTES CLAROS

Ressaltamos, novamente, a ausência de cursos na região do Norte de Minas para formar professores na área de música, especificamente em violão. Essa era uma realidade brasileira, dado que o primeiro curso de violão erudito reconhecido e aprovado pelo Governo Federal foi fundado pelo músico uruguaio, naturalizado brasileiro, Isaías Sávio, em São Paulo – 1960 – no Conservatório Dramático e Musical, curso para o nível médio (ALFONSO, 2017). Acerca do violão popular, o primeiro curso superior somente foi criado em 1989, em São Paulo, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), pelo professor Ulisses Rocha (THOMAZ; SCARDUELLI, 2017).

Assim, os professores de violão do Celf – Tião Andrade e Valmyr de Oliveira –, como os demais que os antecederam, iniciaram a prática docente sem ter a formação pedagógica e a titulação para a docência. O professor Tião Andrade (entrevista, 2020) menciona que, começou a dar aulas de violão clássico, sem mesmo ter formação. Essa situação formativa vivenciada pelo professor Tião Andrade e os processos desenvolvidos no Conservatório se aproximam das discussões propostas por Guarniere (2005, p.19), ao afirmar que, no contraponto de uma formação teórica: “A inserção na sala de aula, por sua vez, desencadeia o processo de relacionamento dos conhecimentos da formação, com os dados da própria prática e com os do contexto escolar”. E ainda segundo a autora:

Assim sendo, é possível afirmar que a sala de aula fornece pistas fundamentais para que o professor articule esses conhecimentos [da formação básica]. No entanto, a

acordes e padrões rítmicos. Em 1975, iniciou seus estudos no violão clássico, também na primeira turma do Conservatório, desse curso. Hoje mora no Rio de Janeiro e trabalha como professor no Conservatório Brasileiro de Música (CBM), além de divulgar o seu trabalho autoral, como compositor.

articulação não ocorre de maneira natural, nem espontânea. Os estudos revelaram que são grandes as dificuldades que o professor encontra para realizar seu trabalho. Tais dificuldades desencadeiam a articulação (GUARNIERI, 2005, p. 19).

Portanto, no primeiro ano de vivência de Tião Andrade na docência no violão clássico do Conservatório, o curso seguiu sem uma estrutura organizacional. Inicialmente, “tocava o barco” de acordo com o nível do aluno, tendo como referência os ensinamentos obtidos anteriormente com o professor Mauro Necésio, escolhendo repertório e trabalhando aspectos técnicos do violão (TIÃO ANDRADE, entrevista 2020).

Como discutido anteriormente, o Celf, através de sua fundadora, D. Maria Helena Lorenzo Fernández e Silva, recrutava professores de música que eram instrumentistas, mas que não tinham formação pedagógica para o exercício docente. Estes professores, por esta razão, também não tinham o registro formal para o exercício docente e precisavam prestar exames que os certificassem.

Com a falta dos cursos destinados à formação musical em Montes Claros, a alternativa para se preparar para os Exames e obter o registro para docência seria ir para a capital de Minas Gerais, Belo Horizonte, ou para o Rio de Janeiro, cidades que ofertavam esses cursos. A professora Clarice Sarmiento (2020) relata que teve condições de se deslocar para a capital mineira, onde participou de cursos preparatórios e, posteriormente, de Exames de Suficiência, obtendo diversos registros de disciplinas enquanto lecionava no Celf. Ainda segundo a professora, ela foi um “pombo correio” durante uns cinco anos, pois viajava frequentemente e trazia renovações para o ensino em Montes Claros.

Quando eu comecei, dava aula de tudo. Eu estudava percepção, pegava meu diploma, dava aula de percepção. Estudei História da Música, voltava [...] professora de História da Música [...], saía pra fazer o curso que precisava. Eu não parava em lugar nenhum, dando aula disso, dando aula daquilo. Pra mim foi ótimo, só estudava [...] Tinha aula de manhã, de tarde e às vezes a noite tinha concerto pra você assistir. Então, eram oito horas de estudo por dia, obrigatório (CLARICE SARMENTO, Entrevista 2020).

Uma outra forma de obter essa formação e titulação foi construída por D. Marina, que organizava a vinda a Montes Claros de professores de grandes centros, para aperfeiçoamento e formação dos docentes do Conservatório.

Foi sentindo “falta de recursos” para trabalhar com alunos de níveis mais avançados, no âmbito do curso de violão clássico, que o professor Tião Andrade teve a “ideia” de sugerir a D. Marina de contratar um professor de Belo Horizonte. Essa prática era comum na escola: “No Conservatório tinha professores que vinha, tradicionalmente, de Belo Horizonte pra dar aulas aqui, o pessoal da orquestra. Então, vinha professor de violino, flauta transversa, violoncelo, piano, maestro [...] (TIÃO ANDRADE, entrevista em 2020).

Pela necessidade dos professores aperfeiçoarem a execução e a técnica acerca do violão clássico, ampliarem o repertório e melhorarem os aspectos pedagógicos, na década de 1980, mais precisamente em 1981, foi contratado pelo Conservatório o professor Lindolfo Bicalho⁷, que veio Belo Horizonte. Para Tião Andrade (2020), “foi uma revolução a vinda de Lindolfo, ele foi aluno da Ufmg [Universidade Federal de Minas Gerais], um professor super aplicado, já tocava demais, sabia muito. Lindolfo ajudou muito nessa questão da organização da formação de repertório” (TIÃO ANDRADE, entrevista 2020). Valmyr (Entrevista 2020) acrescenta que, como os demais professores que vinham de Belo Horizonte para trabalhar no Conservatório, as aulas aconteciam nos finais de semana, no caso de Lindolfo era de quinze em quinze dias. Lindolfo trazia diversas partituras a cada vinda, que eram encadernadas e assim foi enriquecendo o material didático do curso de violão clássico do Celf (TIÃO ANDRADE, Entrevista 2020). Investigando o Acervo do Conservatório, constatamos que o professor Lindolfo Bicalho encerrou seu vínculo com a instituição em 1983.

Apontamos o percurso inicial do curso de violão nas primeiras décadas da história do Celf, destacando que, até meados da década de 1970 prevaleceu a modalidade de curso livre de violão e, posteriormente, inicia-se o Curso Técnico de Violão Clássico e a disciplina Violão Popular no Curso de Educação Artística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No período estudado – da fundação do Conservatório em 1961 a 1981 –, quando ingressa no curso de violão clássico o professor Lindolfo Bicalho, percebemos que nenhum dos professores que atuaram no curso de violão, tinham formação pedagógica. Eles desenvolveram à docência a partir do exercício em sala de aula e aproveitando da vivência fora do ambiente

⁷ Lindolfo Bicalho concluiu o bacharelado em violão pela Universidade Federal de Minas Gerais. Trabalhou no Celf como professor de violão clássico de 1981 à 1983 (ACERVO CELF). Atualmente mora no exterior.



escolar e da formação técnica enquanto alunos. Com isso, o curso de violão foi-se estruturando de acordo com as dificuldades que foram surgindo no percurso dos professores que foram ingressando, sem uma formação completa para exercer a docência e de suas habilidades para lidar com essas questões.

Acrescentamos ainda que, no recorte temporal da pesquisa, o ingresso dos professores de violão aconteceu por meio de convite de D. Marina e os professores se mantinham no cargo por meio da renovação dos contratos temporários. O tempo de docência era um fator que, ao longo dos anos, ia ampliando as possibilidades de renovação destes contratos, priorizando-se aqueles que apresentavam maior contagem de tempo. Nessa perspectiva, constatamos a cultura do Estado de Minas Gerais em não realizar concursos públicos para os conservatórios mineiros, de maneira a possibilitar aos professores de música efetivarem em seus cargos. Nos seus 60 anos de existência, apenas em 2015 foi realizado o único certame, por exigência do Supremo Tribunal Federal.

Destacamos a diretora e fundadora do Conservatório, D. Marina Lorenzo Fernández, pessoa que empenhou para a criação do curso de violão na cidade, introduzindo o ensino deste instrumento desde a fundação desse estabelecimento, percebendo a importância dele para a cultura local. Posteriormente, as estratégias que utilizou para contratar professores, convidando violonistas que se destacavam na comunidade montes-clarense, no próprio Celf e em Belo Horizonte, se mostraram bastante eficazes e adequadas ao cenário local, produzindo condições para superar a ausência de professores formados. Acrescentamos, ainda, a importância da diretora em se lançar neste empreendimento e não medir esforços em proporcionar à cidade e região a oferta de duas modalidades do instrumento, o violão popular e o violão clássico, estilos importantes e abrangentes no cenário nacional.

Concluimos, afirmando a importância do Celf, que dialoga com a cena cultural da cidade, dela incorporando valores, referências e pessoas. E, nesta troca, o Conservatório também contribuiu para a propagação, renovação e valorização da cultura local. A professora Geny Rosa e o professor Geraldo Paulista, que vieram de uma formação não acadêmica, que passaram pela seresta, manifestação cultural marcante na história de Montes Claros, levam estas vivências e experiências para as salas de aulas. E criam processos de ensinar o violão popular que, ainda hoje, 2022, reverbera nos saberes e fazeres dos professores do Conservatório. Mas, este intercâmbio não se limita apenas por estes docentes precursores, ainda, se amplia pelos demais alunos que se formaram com eles e tornaram-se professores, futuramente.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Jayme. *A educação secundária no Brasil* (Ensaio de identificação de suas características principais). Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos - RBEP. Rio de Janeiro, v. XXIII, n. 58, Abr.-Jun., 1955. p. 26-105.
- ALFONSO, Sandra Mara *O violão, da marginalidade à academia: trajetória de Jodacil Damasceno*. Uberlândia, EDUFU, 2017. 268 p. : il.
- CARMO, Sérgio Rafael do. *Conservatórios de Música: arte e emoção como aliados da educação em Minas Gerais*. Lições de Minas, 18. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Educação, 2002.
- FREITAS, Sonia Maria de. *História Oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Editora Humanitas, 2006.
- GONÇALVES, Lília Neves. *Educar pela música: um estudo sobre a criação e as concepções pedagógico-musicais dos conservatórios estaduais mineiros na década de 50*. 1993. Dissertação (Mestrado em Música) – Área de concentração: Educação Musical. Porto Alegre, 1993.
- GUARNIERI, Maria Regina. *Aprendendo a ensinar: o início nada suave da docência* / Maria Regina Guarnieri (org.) – 2. ed. Campinas: São Paulo. Autores Associados; Araraquara SP: Programa de Pós-graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, 2005. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 75).
- LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *História da Educação – o que você precisa saber...* Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- MINAS GERAIS. Lei nº1.239, de 14/02/1955: *autoriza o poder executivo a criar um conservatório, nos municípios de Conselheiro Lafaiete, Montes Claros, Ouro Fino, Divinópolis Itaúna, Almenara, Bom Despacho e Alfenas*. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/mg> . Acesso em: 10 nov. 2020.
- MINAS GERAIS. Decreto 3.870, de 08 de setembro de 1952. *Aprova o regulamento dos Conservatórios Estaduais de Música*. Disponível em: <https://www.almg.gov.br/legislacao-mineira/DEC/3870/1952/>. Acesso em: 01 nov. 2020.
- MOTA, Nelson. *Noites tropicais: solos, improvisos e memórias musicais*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- PAULA, Maria Ignês Maciello de. (Org.) *Memória Cultural do Conservatório Estadual de Música “Lorenzo Fernández” (1961-1986)*. Montes Claros-MG, 1986.
- PENNA, Maura. *Música(s) e seu ensino*. Porto Alegre: Sulina, 2012.



PEREIRA, Laurindo Mékie. *Montes Claros anos 50: entre a esperança e a frustração*. Revista Unimontes Científica. Montes Claros, v.1, n.1, mar/2001.

PINTO, Diana Couto. *Campanha de aperfeiçoamento e difusão do ensino secundário: uma trajetória bem-sucedida?*. In: MENDONÇA, A. W.; XAVIER, L. N. (Orgs.). Por uma política de formação do magistério nacional: o Inep/MEC dos anos 1950/1960. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2008. 260 p. (Coleção Inep 70 anos, v. 1).

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. *História da educação brasileira: a organização escolar*, 12.ed. São Paulo: Cortez - Autores Associados, 1992.

ROSA, Fabiana Teixeira da; OLIVEIRA, George Fredman Santos; DAROS, Maria das Dores. *Intelectuais pela leitura de textos jornalísticos: a campanha de aperfeiçoamento e difusão do Ensino Secundário (1953-1969)*. Revista Vernáculo, 2º sem/2020 – Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/view/74823> Acesso: 12 jul. 2021.

ROSA, Fabiana Teixeira; DALLABRIDA, Norberto. *Circulação de Ideias Sobre a Renovação do Ensino Secundário na Revista Escola Secundária (1957-1961)*. Hist. Educ. (Online) Porto Alegre v. 20 n. 50 Set./dez., 2016 p. 259-274. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/61595> Acesso: 12 jul. 2021.

SUZIGAN, Maria Lúcia Cruz. *Educação musical - uma nova abordagem: centro livre de aprendizagem musical*. São Paulo 1973 a 2001. 2006. 59 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2006.

THOMAZ, Rafael; SCARDUELLI, Fabio. (2017). *O Violão popular brasileiro: procurando possíveis definições*. Per Musi. Belo Horizonte: UFMG. p.1-18. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/permusi/article/view/5186/3219> . Acesso em 05 set 2021.

ULHÔA, Rachel Tupynambá de. *Educação musical e enação: uma perspectiva autopoietica do processo de ensino-aprendizagem da música popular*. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação Musical) – Área: Pesquisa e Extensão. Rio de Janeiro, 1998.

VENTURA, Leonardo Carneiro. *Música nos espaços: paisagem sonora do nordeste no movimento armorial*. Dissertação (Mestrado em História). 2007. 200 f. Natal. Universidade Federal do Rio Grande do Norte – 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/16995>. Acesso em 29 jan 2022.

VIEIRA, Christiane Faria Franco. *Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández: Educação Musical e formação cultural em Montes Claros-MG (1961-2011)*. 2021. 225 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Estadual de Montes Claros. Montes Claros, 2021.



ZANON, Fábio. *O violão no Brasil depois de Villa-Lobos*. Páginas 78-85. Disponível em: <http://docplayer.com.br/29692466-O-violao-no-brasil-depois-de-villa-lobos-fabio-zanon.html>. Acesso em 09 jan. 2022.

Fontes (acervo, jornais e vídeos)

ACERVO CELF. *Arquivo da secretaria do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández*. Montes Claros, 2020.

Gente que faz a terra - Marina Helena Lorenzo Fernandez Silva. [entre 2010 a 2012] 1 Vídeo. Reportagem e apresentação: Silvânia Nogueira. Duração: 20m. e 10s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eXcr68IvAvo> Acesso em: 13 set 2020.

TURMA FOLCLORE II. *Geraldo Paulista: exemplo de mestre*. Trabalho de conclusão da disciplina Folclore II do Celf. 1997.

Fontes orais (entrevistas)

Clarice Augusta Guimarães Teixeira (Clarice Sarmiento). Entrevista realizada 13 de dezembro de 2020, por José do Nascimento Queiroz Junior - Montes Claros (MG).

Elisete Mendes. Entrevista realizada 19 de agosto de 2021, por José do Nascimento Queiroz Junior, pelo Whatsapp – Montes Claros (MG).

Fely Lucrécio Ferreira. Entrevista realizada 08 de março de 2021, por José do Nascimento Queiroz Junior, pelo Whatsapp – Montes Claros (MG).

João Batista de Almeida Costa (Joba). Entrevista realizada 05 de dezembro de 2020, por José do Nascimento Queiroz Júnior – Montes Claros (MG).

Juventino Dário de Oliveira (Tino Gomes). Entrevista realizada 09 de dezembro de 2020, por José do Nascimento Queiroz Junior, por webconferência *google meet* - Montes Claros (MG).

Maria Elizabeth Nobre Veloso (Beth Nobre). Entrevista realizada 04 de novembro de 2021, por José do Nascimento Queiroz Junior, pelo *Whatsapp* – Montes Claros (MG).

Sebastião Afonso de Andrade Ruas (Tião Andrade). Entrevista realizada 19 de dezembro de 2020, por José do Nascimento Queiroz Junior, por webconferência *google meet* - Montes Claros (MG).

Valmir Antônio de Oliveira (Valmyr de Oliveira). Entrevista realizada 09 de dezembro de 2020, por José do Nascimento Queiroz Junior, por webconferência *google meet* - Montes Claros (MG).

eISSN 2594-9810

Revista Ciranda (DEPE-UNIMONTES)

DOI:10.46551/259498102023011



■Recebido em: 02/05/2023 ■Aceito em: 01/06/2023 ■Publicado em: 10/06/2023